

ENSINO

O desafio de formar médicos da era digital

Universidades gaúchas vêm adaptando seus currículos e métodos para preparar os futuros profissionais

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A formação médica sempre foi um exercício de equilíbrio: avançar no conhecimento sem perder o vínculo humano, dominar técnicas sem transformar a clínica em manual... Agora, com a Inteligência Artificial (IA) entrando de vez no cotidiano dos hospitais - de prontuários que se escrevem sozinhos a triagens automatizadas -, esse equilíbrio migrou para o coração das escolas de Medicina.

O Rio Grande do Sul vive essa transição em tempo real. Currículos são revisitados, métodos de ensino se reinventam, docentes se requalificam e estudantes testam, a cada semestre, até onde a tecnologia ajuda a aprender e onde ela ameaça encurtar o caminho crítico do raciocínio clínico. O desafio, no fundo, é formar um médico “bilíngue”: fluente em dados e, ao mesmo tempo, insubstituível no encontro com o paciente.

Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), o processo começou há cinco anos, com a criação da disciplina Inovação na Prática Médica. A proposta nasceu para discutir telemedicina, mas rapidamente incorporou temas como IA, ciência de dados e uso ético de algoritmos. “Hoje, trabalhamos desde os modelos gerais, como ChatGPT e Copilot, até ferramentas médicas específicas, como MedSearch e Open Evidence”, explica o decano da Escola de Medicina, Leonardo Araújo Pinto.

O curso criou ainda um agente de inovação, que conecta os alunos ao ecossistema tecnológico da universidade, como o Tecnopuc e o curso de Ciência de Dados e Inteligência Artificial. A ideia é integrar mundos: enquanto o aluno aprende fisiologia ou farmacologia, também é incentivado a testar recursos de IA que ajudam a revisar evidências e analisar informações clínicas. “O médico do futuro precisa dominar as ferramentas, mas continuar humano. Essa integração é o verdadeiro desafio da formação”, resume o decano.

Essas transformações não

ficam restritas às disciplinas isoladas. Na prática, a tecnologia está espalhada por todo o curso. Professores usam chatbots para discutir casos clínicos, e alunos do internato simulam atendimentos em que a IA propõe hipóteses diagnósticas. O papel do docente também muda: ele passa de transmissor a curador de informação, responsável por ensinar o aluno a questionar o que recebe.

A mudança é gradual, mas irreversível: “Toda vez que se inclui uma nova disciplina, é preciso retirar outra. Então fazemos ajustes por etapas”, explica Pinto. A próxima revisão curricular, prevista para 2026, vai ampliar o foco em humanização e prática clínica. O raciocínio, diz ele, é simples: o conhecimento está mais acessível do que nunca - o diferencial, agora, é saber escutar e se comunicar

Aprender com a máquina

A Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Ufcspa) atravessa o mesmo processo, impulsionada pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) aprovadas neste ano, que, pela primeira vez, incluem saúde digital, IA e análise de dados como competências obrigatórias. “É uma mudança significativa. Estamos em fase de adaptação, mas já há disciplinas experimentando o tema”, explica o vice-reitor Rafael Vargas.

Ele leciona a matéria de Análise Crítica das Evidências, onde a IA é usada para formular perguntas de pesquisa e buscar artigos científicos. “O aluno aprende a fazer as perguntas certas e a usar a tecnologia para encontrar boas respostas - sem deixar de verificar fontes e limitações.” O objetivo, segundo Vargas, é criar um médico alfabetizado digitalmente, capaz de usar ferramentas com critério e ética.

Os desafios, no entanto, são reais, segundo ele. O primeiro é o Deskillling - a perda de habilidades cognitivas quando se delega demais à máquina. “Se o estudante deixa de exercitar o raciocínio clínico, vira operador de prompt. E a medicina não pode ser isso”. O segundo é o descompasso geracional: professores muito experientes, mas menos familiarizados com as novas tecnologias, dividem sala com alunos que as dominam intuitivamente. “A saída é investir em capacitação docente, para que

todos falem a mesma língua”, analisa.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), o movimento ganha corpo dentro da reforma curricular que está em andamento. A diretora da Faculdade de Medicina (Famed), Cristiane Bauermann Leitão, explica que a universidade já era referência em telemedicina, por meio do TelessaúdeRS, e, agora, avança para incluir IA, ciência de dados e ética digital no ensino. “Fizemos um levantamento com professores e alunos: cerca de 80% já usam IA, diariamente ou semanalmente, em alguma atividade acadêmica. A tecnologia já está na sala de aula - o que falta é ensiná-la de forma crítica”, destaca.

Essa inserção deve acontecer de modo transversal, não como disciplina isolada. “A IA vai estar em todas as áreas - na radiologia, na emergência, na cardiologia -, sempre com foco na prática e na ética”, diz Cristiane. Ela reforça que o ponto de partida é a formação ética sólida. “Os alunos precisam entender que não se pode colocar dados de pacientes em plataformas abertas. Isso viola o sigilo e a LGPD. A IA é uma ferramenta de apoio, não de substituição”.

Professor de Medicina de Emergência na Ufrgs, Lucas Oliveira Junqueira e Silva liderou a pesquisa citada por Cristiane. Segundo ele, apesar de quase 80% da comunidade acadêmica da Faculdade de Medicina já utilizar IA com frequência, principalmente para resumir textos, revisar artigos e criar apresentações, ainda há percalços. “Há preocupações legítimas: o risco de plágio, de erros e de vazamento de dados sensíveis. Estamos trabalhando para garantir que o uso seja seguro e consciente”.

Ele vê, porém, um lado positivo. “Muitos temem que a IA reduza o contato humano, mas ela pode liberar tempo do médico para o paciente. A tecnologia deve servir para reforçar o vínculo, não para substituí-lo”, conclui.

Adequação agora é lei

A aprovação das novas DCNs da Medicina, em agosto de 2025, consolidou o que as universidades já vinham fazendo por conta própria: preparar o médico para atuar em um sistema cada vez mais digital, mas sem abandonar a empatia e a responsabilidade ética. O texto



Na Ufrgs, reforma curricular deve englobar IA, ciência de dados e ética digital



Na Pucrs, tema está no currículo de Medicina há cinco anos



Ufcspa está em fase de adaptação, mas disciplinas já tratam do tema

do Conselho Nacional de Educação determina que o egresso tenha domínio de saúde digital, análise de dados, Inteligência Artificial e ética tecnológica, sinalizando que o domínio técnico e o olhar humanista precisam caminhar juntos.

O impacto será profundo. As diretrizes obrigam os cursos a incluir competências digitais e de comunicação clínica em todos os ciclos - do básico ao internato. Na prática, isso significa que o estudante precisará dominar fundamentos de IA, compreender riscos de vieses, aplicar princípios da LGPD, analisar criticamente resultados e, sobretudo, saber traduzir o que as máquinas dizem em linguagem compreensível ao paciente.

É uma mudança de cultura:

menos ênfase no acúmulo de conteúdo, mais na capacidade de aprender continuamente. O médico que se forma hoje já entra em um mundo em que os diagnósticos são compartilhados com algoritmos, mas as decisões ainda dependem do julgamento humano: “O papel do médico nunca foi o de competir com a tecnologia, é o de interpretar o que ela entrega e dar sentido clínico a isso”, resume Vargas.

E as universidades gaúchas parecem alinhadas nesse ponto: o futuro da formação médica passa por ensinar os estudantes a pensar com a máquina, mas não como ela. Ou, como diz Cristiane, “quanto mais digital for a medicina, mais indispensável será o toque humano”.